

NARRATIVA HÍBRIDA DE HISTÓRIA E FICÇÃO NA LITERATURA INFANTOJUVENIL: a colonização do Brasil enunciada pelos “meninos-língua” do século XVI.

HYBRID NARRATIVE OF HISTORY AND FICTION IN CHILDREN'S AND YOUTH'S LITERATURE: the colonization of brazil enunciated by the “language boys” from the sixteenth century.

Fernanda Sacomori Candido Pedro (Unioeste/Cascavel-PR/Brasil)¹
Vilson Pruzak dos Santos (Unioeste/Cascavel-PR/Brasil)²

Resumo: Quando nos deparamos com textos que abordam o descobrimento e a colonização do Brasil, frequentemente constatamos a presença de vozes enunciativas colonizadoras. Essas vozes, em sua maioria, enaltecem os conquistadores europeus e deixam de mencionar muitas outras pessoas que influenciaram o processo de “descobrimto” e colonização do Brasil ou que foram influenciadas por elas como, por exemplo: os negros, os índios, as mulheres, crianças, entre outros. Em reparação a esses sujeitos, que tiveram suas vozes silenciadas, apagadas, suprimidas, ignoradas, é que buscamos resgatá-los e, conseqüentemente, ressignificar o passado que, por muitas vezes, é constituído de uma tessitura narrativa contada a partir de um único ponto de vista, ou seja, um monólogo onde “verdades” ecoam e estabelecem um só “Deus”, um só rei, uma só língua. Diante disso, buscamos, por meio do romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2017), desconstruir as concepções e/ou enredos das histórias tradicionais referentes ao período da colonização, pois pensamos que o romance histórico, enquanto representação ficcional, pode contribuir para imaginarmos outras visões do passado além daquelas consagradas pela história. Desse modo, propomo-nos a analisar a obra *A Descoberta do Novo Mundo* (2013), de Mary Del Priore. Nessa narrativa híbrida de história e ficção infantojuvenil, observaremos o protagonismo de dois meninos-língua, Pedro e Paulo, que acompanhavam a ordem religiosa Companhia de Jesus. A análise dessa obra nos possibilitará compreender como a literatura pode contribuir para desmistificarmos nosso olhar com a relação à história oficial perpetuada ao longo dos anos.

Palavras-chave: Literatura Comparada; Romance histórico contemporâneo de mediação; Ressignificações do passado; Literatura infantojuvenil brasileira.

¹ Mestra em Letras pelo Mestrado profissional em Letras (Profletras) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste. Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste (2020-2024). Integrante do Grupo de Pesquisa “Resignificações do passado na América Latina: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. Email: fernandasacomori@hotmail.com

² Mestre em Letras pelo Mestrado profissional em Letras (Profletras) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste. Doutorando em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste (2020-2024). Integrante do Grupo de Pesquisa “Resignificações do passado na América Latina: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. Email: vilsonpruzaksantos@gmail.com

Abstract: When we come across texts that address the discovery and colonization of Brazil, we often see the presence of enunciating colonizing voices. These voices, in their majority, praise the European conquerors and fail to mention many other people who influenced the process of discovery and colonization of Brazil or who were influenced by them, such as: Negroes, Indians, women, children, among others. In analysis to these subjects, who had their voices silenced, erased, suppressed, ignored, is that we seek to rescue them and, consequently, to reshape the past, which often consists of a narrative told from a single point of view, that is, a monologue where "basic truths" echo and establish one "God", one king, one language. Therefore, through the contemporary historical novel of mediation, proposed by Fleck (2017), we seek to deconstruct the conceptions and/or plots of traditional stories referring to the period of colonization, because we think the historical novel, as a fictional representation, can contribute to imagine other perspectives of the past besides those consecrated by history. Thus, we aim to analyze Mary Del Priore's *The Discovery of the New World* (2013). In this hybrid narrative of history and children's and youth fiction, we will observe the protagonism of two language boys, Peter and Paul, who accompanied the religious order Society of Jesus. The analysis of this work will allow us to understand how literature can contribute to demystifying our view of the official history perpetuated over the years.

Keywords: Comparative Literature; Contemporary Historical Novel of Mediation; Re-meanings of the Past; Brazilian Children's and Youth's Literature.

Introdução

O discurso historiográfico sobre o processo de “descobrimento”³ e colonização do Brasil é uma narrativa legitimada como se a versão documentada pelos portugueses fosse a única verdadeira, pois ela está construída a partir da voz enunciativa do colonizador, o qual possuía a competência da escrita que, segundo Fleck (2020, p. 45), “poucos dominavam na época”. Entretanto, sabemos que muitas vozes, principalmente as consideradas minorias por uma voz hegemônica (negros, índios, mulheres e crianças), foram silenciadas ou mesmo apagadas nos registros oficiais durante a constituição do processo histórico que hoje conhecemos. Diante disso, a Literatura, enquanto arte, possibilita a problematização desses discursos unívocos e hegemônicos, ao incluir, em suas produções polissêmicas, as

³ Compreendemos que o Brasil não foi descoberto, visto que já havia milhares de pessoas vivendo aqui antes da chegada dos portugueses.

diferentes subjetividades e promover a reflexão sobre aspectos da realidade que não vemos presentes em registros do passado, considerados fontes históricas.

Assim, no entrecruzamento dos discursos da história e da Literatura surge o romance histórico, que se constitui em um relato cujo equilíbrio entre o material histórico e os elementos ficcionais são adequados ao que se considera necessário para a obtenção de um romance, escrita ficcional artística. Essa tem sua gênese marcada em 1814, com Walter Scott, a partir da escrita do romance *Waverly*. Após essa obra inicial, outras modalidades de romance histórico foram se consolidando ainda no período do Romantismo no qual a modalidade clássica scottiana cria os paradigmas primeiros do gênero. Segundo Fleck (2017), podemos estabelecer três fases distintas com relação ao romance histórico: a fase acrítica, a fase crítica/desconstrucionista e a fase crítica/mediadora, as quais coexistem no espaço temporal hodierno, mas que se diferenciam por meio das estratégias escriturais e pelas ideologias nelas contidas.

Tais fases, segundo os estudos do autor, estão compostas por cinco modalidades diferenciadas de romances históricos, sendo elas: o romance histórico clássico scottiano e o romance histórico tradicional – consideradas expressões da fase acrítica –; o novo romance histórico latino-americano e a metaficção historiográfica – integrantes das escritas problematizadoras da fase crítica/desconstrucionista –; e o romance histórico contemporâneo de mediação – composições romanescas mais atuais que abandonam os experimentalismos precedentes e se integram à fase crítica/mediadora mais atual das escritas do gênero romance histórico.

Vale ressaltar que, na fase considerada como acrítica, o romance irmana-se com a história e não altera o discurso historiográfico tradicional e hegemônico, ou seja, a ideologia presente na obra romanescas busca enaltecer os heróis do passado e suas ações, seguindo as tendências já estabelecidas pelo discurso precedente. As personagens, em geral, são aquelas já consagradas pela história e o tempo do relato é, majoritariamente, linear, a fim

de propiciar a compreensão de que os dados históricos, cronologicamente organizados e hierarquizados pelo discurso, são incontestáveis.

Já na fase crítica/desconstrucionista, as escritas híbridas enfrentam-se com o discurso historiográfico tradicional e legitimador de uma única perspectiva para os eventos do passado e as personagens consagradas pela historiografia recebem um tratamento paródico, carnavalizado, irônico. Nessas ressignificações ficcionais, há um discurso que subverte totalmente a imagem cristalizada de figuras tidas como “modelos” e suas ações, pois, segundo comenta Larios (1997, p. 135), a escrita crítica do novo romance histórico é impugnadora e “[...] *de esta manera descreyendo en la forma literaria de la vieja novela, atributada por el costumbrismo y el realismo, se descree también en la legitimación del metarrelato llamado historia.*”⁴. Em relação à atuação do discurso ficcional frente aos “heróis” já cristalizados pela historiografia tradicional, Larios (1997) expressa que,

*[...] este abandono de la historiografía moderna, legitimadora de un único relato sobre la historia se realiza con la disensión, el redescubrimiento, la humanización que trascienda a tales personajes de la historia inmortal a la que parecían condenados sin rescate.[...]. La novela histórica los recupera en una multitud de relatos como es el caso, por usar un ejemplo, de la figura de Cristóbal Colón.*⁵ (LARIOS, 1997, p. 134).

Por fim, na quinta modalidade, com o romance histórico contemporâneo de mediação, descrito por Fleck (2017), a ficção estabelece uma mediação entre o tradicionalismo das primeiras produções do gênero com aquelas características que se voltam à criticidade e à desconstrução do discurso

⁴ Nossa tradução: [...] dessa maneira, desacreditando a forma literária do velho romance, atribuído pelo costumbrismo e pelo realismo, desacredita-se também a legitimação do metarrelato chamado história.

⁵ Nossa tradução: esse abandono da historiografia moderna, legitimadora de um único relato sobre a história, realiza-se com a dissensão, o redescobrimiento, a humanização que transcende a tais personagens da história imortal à qual pareciam condenados sem resgate. [...]. O romance histórico recupera-os por meio de múltiplos relatos, como é o caso, por exemplo, da figura de Cristóvão Colombo [...].

historiográfico hegemônico presente nas escritas da segunda fase do gênero romance histórico.

Neste artigo, buscamos analisar a obra *O descobrimento do novo mundo* (2013), de Mary Del Priore, sob a perspectiva dos pressupostos teóricos que caracterizam a modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação, propostos por Fleck (2017). A seleção do texto para análise decorre de nossas pesquisas sobre Literaturas Híbridas de história e ficção no âmbito da Literatura Infantojuvenil.

Na análise proposta, apresentamos considerações sobre uma trama narrativa vivenciada por adolescentes do e no século XVI, os quais, por muitas vezes, no discurso historiográfico, são vistos como meros indivíduos e não como sujeitos. Com isso, objetivamos desconstruir as concepções e/ou enredos das histórias tradicionais referentes ao período da colonização, pois acreditamos que o romance histórico, enquanto representação ficcional possível de um passado vivenciado, pode contribuir para imaginarmos outras visões dos acontecimentos além daquelas consagradas pela história tradicional.

Romance histórico contemporâneo de mediação: um espaço de enunciação para as vozes marginalizadas

As produções que se enquadram na terceira fase da trajetória das escritas do romance histórico – formada pela quinta modalidade do romance histórico e descrita por Fleck (2007, 2017) como crítica/mediadora -, abandonam as estratégias escriturais altamente desconstrucionistas, os experimentalismos linguísticos e formais e os anacronismos exacerbados, a fim de atingir um público mais amplo, uma vez que as escritas desconstrucionistas do novo romance histórico latino-americano e da metaficção historiográfica exigem um leitor especializado. No caso das escritas híbridas da terceira fase do romance histórico, o crítico comenta que

[...] as obras mais recentes abandonam as superestruturas multiperspectivistas, as sobreposições temporais anacrônicas, os desconstrucionismos altamente paródicos e carnalizados

das releituras ficcionais anteriores, elas adotam uma linearidade narrativa singela, com algumas analepses ou prolepses e um discurso crítico sobre o passado que privilegia uma linguagem próxima daquela do cotidiano do leitor atual. (FLECK, 2017, p. 64).

Dessa forma, a ideologia de enfrentamento ao discurso hegemônico, o qual visava oprimir os sistemas sociais dos povos nativos, bem como promover “a imposição cultural dos valores dos conquistadores em detrimento daqueles dos povos autóctones e, em consequência, a subjugação quando não a anulação de uma cultura que levou milhares de anos para se constituir (FLECK, 2020, p. 56-57), é engendrada, na narrativa, por meio da construção de um outro discurso, o da margem, contrário àquele laudatório centrado nos acontecimentos e nos grandes heróis do passado, porém sem privilegiar a desconstrução desses registros precedentes sobre os eventos e as personagens que neles atuaram.

Ao trazer essas outras vozes, das personagens periféricas e silenciadas no discurso historiográfico tradicional, os autores invertem a perspectiva da visão oficial da história e valorizam outra perspectiva – a visão de baixo –, que nos apresenta novas possibilidades de compreensão do passado. Essa nova modalidade coloca o texto à disposição de um leitor ainda em formação. Assim,

[...] os romances históricos contemporâneos de mediação, justamente pela redução da complexidade na linguagem e na estrutura, atinge a um leitor bastante amplo, uma vez que podem ser compreendidos por jovens leitores ainda em formação, ou mesmo por aqueles leitores adultos que, ao longo de seu processo de escolarização, não tiveram a oportunidade de se tornar leitores críticos, considerando-se essa a etapa mais avançada do processo de formação de leitores que, em nossa realidade escolar, poucas vezes chega a acontecer. (FLECK, 2017, p. 106).

Desse modo, vislumbramos, nas produções dessa modalidade, as quais também são encontradas em versões voltadas ao público infantil e infantojuvenil, alternativas que podem ser utilizadas no ensino escolar, tanto nas aulas de Literatura, como para problematizar e ressignificar o ensino de

história, no intuito da formação de um sujeito consciente sobre seu passado de subjugação aos europeus. Para tal conscientização, o discurso apresentado aos estudantes não pode ficar centrado na voz monolíngue do colonizador, que o enuncia como uma verdade inquestionável.

Fleck (2017), ao nos apresentar, em sua obra, uma classificação dos romances históricos em grupos, fases e modalidades, que se diferenciam de acordo com a maneira como manipulam o dado histórico e a ideologia que move o autor da produção, possibilita aos professores da educação básica – em grande parte, leitores ainda não especializados nesse gênero – uma melhor compreensão a respeito do romance histórico, auxiliando-os em escolhas conscientes dessas narrativas para serem utilizadas em sala de aula, seja para referendar a história hegemônica ou para refutá-la.

Com esse objetivo de didatização, o autor elenca seis características da modalidade mais atual dessas escritas híbridas - o romance histórico contemporâneo de mediação -, que nem sempre aparecem em sua totalidade numa mesma obra. Assim, podemos observar, nos exemplares dessa modalidade, narrativas nas quais ocorrem as seguintes peculiaridades:

1- Uma releitura crítica verossímil do passado: de acordo com essa característica, o texto não segue o padrão canônico europeu de exaltação dos heróis do passado. No entanto, essa releitura mantém o intuito da construção da verossimilhança (ou seja, aproximação com eventos possíveis de acontecer). Ainda, nesse delineamento, o autor frisa a renarrativização dos eventos históricos, trazendo elementos novos como, por exemplo, a voz enunciativa de personagens periféricas, secundárias, aquelas que, na construção hegemônica, não eram constituídas como sujeitos legitimados para enunciar um determinado acontecimento histórico. Fleck (2017);

2- É uma narrativa linear do evento histórico recriado: o autor assinala que o romance histórico de mediação renarrativiza, de forma cronológica, os eventos históricos, mas sem deixar de manipular a temporalidade do relato. Assim, com avanços e retomadas no próprio percurso histórico das ações contadas, essas analepses e prolepses não propiciam grandes mudanças na linearidade da narrativa e, por isso, não dificultam a compreensão da diegese;

3- O foco narrativo é, geralmente, centralizado e ex-cêntrico: essa característica, no romance histórico de mediação, busca evidenciar as vozes sociais que foram silenciadas, suprimidas, apagadas no processo histórico oficializado. Vale pontuar que, nessa categoria, não se busca desmistificar os heróis já legitimados na historiografia, mas sim possibilitar que novas vozes sociais (de mulheres, de índios, de negros, de crianças, entre outros) ecoem e ressignifiquem o passado;

4- Há o emprego de uma linguagem amena, fluída e coloquial: de acordo com Fleck (2017, p. 110-111), “o romance histórico contemporâneo de mediação prima por uma linguagem simples e de uso cotidiano, em contraposição ao barroquismo e ao experimentalismo dos novos romances históricos e de metaficcões historiográficas”. Como se nota, essa modalidade de romance histórico possibilita uma maior aproximação entre o texto e seu leitor. Observa-se, também, a adaptação da linguagem histórica para uma linguagem mais contemporânea, sempre com o intuito de facilitar a interação entre a obra e o leitor-literário;

5- O emprego de estratégias escriturais bakhtinianas: essa é uma característica em que se observa a presença da dialogia, uma vez que o discurso oficial dialoga com o discurso periférico; da heteroglossia, ao apresentar as diversas vozes que constituem as nações, de acordo com suas particularidades; e, também, da paródia, mas essa última de forma moderada, diferenciando-se das teorias desconstrucionistas, como, por exemplo, da metaficção historiográfica, que a usam com muita intensidade;

6- A presença de recursos metaficcioneis - lembrança/estratégia de seleção: segundo Fleck (2017, p. 111), “a utilização de recursos metanarrativos, ou comentários do narrador sobre o processo de produção da obra, dá-se [na modalidade de romance histórico de mediação] sem que estes se constituam no sentido global do texto”. [...]. Isso pode ocorrer pela presença de um diálogo entre a voz enunciativa do discurso e seu narratário, por meio de questionamentos ou por sutis enunciados críticos do narrador.

Na seção seguinte, tendo como base esse arcabouço teórico, apresentamos a análise da narrativa *A Descoberta do Novo Mundo* (2013), da

autora Mary Del Priore, caracterizada, em seu prefácio, como um conto juvenil, a fim de demonstrarmos como essas características do romance histórico contemporâneo de mediação revelam sua presença nesse âmbito da escrita literária e, em especial, no trecho dessa obra.

A descoberta do novo mundo (2013), de Mary Del Priore

A obra *A descoberta do Novo Mundo* (2013), de Mary Del Priore, narra a história de dois meninos órfãos portugueses, Paulo e Pedro, que chegam ao Brasil, sob a tutela da Companhia de Jesus, para serem os “meninos-língua⁶”, que tinham por objetivo auxiliar os padres jesuítas a domesticarem os indígenas e convertê-los ao cristianismo.

É importante lembrarmos, de antemão, que, para o colonizador, pregar uma só religião, um só reino, uma só língua era uma questão de instituição do poder colonizador, como bem ressalta Silviano Santiago (2000) no livro *Uma literatura nos trópicos*. Nessa obra, o autor explica que “evitar o bilinguismo significa evitar o pluralismo religioso e significa também impor o poder colonialista. Na álgebra do conquistador, a unidade é a única medida que conta. Um só Deus, o verdadeiro Rei, a verdadeira Língua” (SANTIAGO, 2000, p. 14). Seguindo essa lógica, os “meninos-língua” eram enviados ao Brasil.

O relato possui um único eixo narrativo, com um narrador em nível extradiegético, e uma voz enunciativa em terceira pessoa, heterodiegética, que relata, de forma onisciente, os acontecimentos ocorridos com essas duas personagens desde a saída de Portugal até a sua volta ao reino lusitano e o seu retorno ao Rio de Janeiro. Isso depois de terem sido presenteados pela coroa portuguesa com uma sesmaria em recompensa por seus feitos na expulsão dos franceses que tentavam invadir as terras que já eram dominadas pelos portugueses.

⁶ Os “meninos-língua” eram meninos órfãos trazidos de Portugal a fim de ajudar os padres jesuítas na catequização dos indígenas. Para melhor compreensão desse assunto, recomendamos a leitura do artigo intitulado “Línguas da pregação: Os meninos da terra e as missões jesuítas no Brasil (1549-1555)”, de Luciana Villas Bôas (2009, p. 161-172), disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13739/15557>> Acesso em: 12 jan. 2021.

A diegese apresenta uma releitura crítica e verossímil do passado – uma das características do romance de mediação –, uma vez que, nela, incorporam-se personagens, “meninos-língua”, que são citados pelo discurso historiográfico. Com isso, o autor revela a verossimilhança do relato com os registros da história, conforme se observa nesse trecho:

Junto com o representante do governo seriam enviados os padres da Companhia de Jesus, para domesticar os índios e convertê-los ao cristianismo. A companhia era uma congregação, criada em 1534, pelo jesuíta Inácio de Loyola, cujo objetivo era levar o catolicismo a todas as partes do mundo (DEL PRIORE, 2013, p. 37).

Desse modo, num discurso informativo, o relato ficcional vai gerando no leitor a sensação de estar frente a um discurso cujos enunciados poderiam, de fato, ter acontecido. Segundo Uber e Oliveira (2020, p. 375) “a literatura híbrida de história e ficção se aproveita, em várias de suas modalidades, da verossimilhança para criar, nesse seu espaço imaginário, aquilo que a história não quis ou não pôde revelar por diversos motivos ao seu leitor/ouvinte”. Para tanto, a autora utiliza dessa estratégia escritural (a verossimilhança) para apresentar as personagens de extração histórica como Mem de Sá, Duarte Coelho entre outros.

Além disso, podemos constatar que o tempo da narrativa é linear e cronológico. Durante a sua tessitura, a autora traz diálogos que retomam o discurso historiográfico, como podemos observar no fragmento abaixo:

Foi o fim do forte Coligny⁷, mas não da presença francesa no Rio de Janeiro. Muitos “mair” embrenharam-se na mata, de onde voltavam para manter contato com as naus que continuavam a piratear o pau-brasil. Somente cinco anos depois, em março de 1565, uma expedição comandada pelo sobrinho de Mem de Sá, Estácio de Sá, os expulsou definitivamente. (DEL PRIORE, 2013, p. 99).

⁷ Para entender melhor sobre o forte Coligny e a invasão e expulsão dos franceses por Portugal, recomendamos a leitura do artigo “Invasões Francesas” disponível em: <<https://escola.britannica.com.br/artigo/invas%C3%B5es-francesas/483252>> Acesso em: 14 jan. 2021.

No trecho apresentado, a autora relata sobre a expulsão dos franceses, em meados do século XVI, pelos portugueses. É desse contexto histórico que o assunto da narrativa ficcional de Priore emerge, promovendo novos olhares sobre as lacunas deixadas pela historiografia.

No conto, ocorre a inversão da perspectiva a partir do que a Nova História⁸ cita como versão “vista de baixo” (SHARPE, 1992), ao privilegiar perspectivas de personagens que ficaram à margem no discurso oficializado. Segundo o autor, a abordagem da história “vista de baixo” tem a função de “[...] servir como um corretivo à história da elite. [...] Oferecendo esta abordagem alternativa, a história vista de baixo abre a possibilidade de uma síntese mais rica da compreensão histórica, de uma fusão da história da experiência do cotidiano das pessoas com a temática dos tipos mais tradicionais de história” (SHARPE, 1992, p. 30-31).

Dessa forma, a autora não tenta desconstruir as personagens consagradas pela história, mas, de forma sutil, busca revelar a subjetividade dos colonizados, com seus costumes e tradições e, com isso, problematiza estereótipos que os apresentam como selvagens e sanguinários nas escritas dos colonizadores.

Constatamos, assim, que o foco narrativo não está fixado nos grandes heróis já consagrados pela história, mas sobre dois meninos órfãos que vieram de Portugal para serem “línguas” [tradutores] aqui no Brasil e que se tornam os protagonistas da história ao lado de outras personagens consagradas historicamente, como é possível observar nos fragmentos da obra a seguir:

Pedro ofereceu-se para nadar até a ilha e detonar o paiol de munição. A ideia foi recebida com entusiasmo (DEL PRIORE, 2013, p. 95).

⁸ Para os pensadores da Nova História, que surge a partir de 1929 com a Escola dos Annales, todos os acontecimentos humanos podem ser entendidos como temáticas para a construção da história e não somente a narrativa dos feitos de alguns homens relacionados à história política de seus países. Essa forma de entender a História rompeu com a ideia do tempo do acontecimento, da concepção de que a humanidade caminha de forma irreversível para algum ponto preestabelecido e com a noção de um progresso linear e contínuo.

Rezou-se uma missa e os que demonstraram coragem foram feitos cavaleiros. Entre eles, os dois jovens “língua”. Ontem miseráveis, agora, ricos (DEL PRIORE, 2013, p. 96).

De volta [Pedro e Paulo] ao Rio de Janeiro, donos de sesmarias, podiam explorar escravos e plantar cana-de-açúcar. Mas não... preferiram explorar o mundo e viver novas aventuras. (DEL PRIORE, 2013, p. 103).

Seguindo a leitura da obra, observamos uma linguagem de fácil entendimento aos leitores juvenis, estudantes das séries finais do Ensino Fundamental. Ainda, em vários momentos, a autora busca estratégias linguísticas para deixar palavras ou expressões mais claras aos leitores da obra, utilizando-se de apostos explicativos como, por exemplo, no fragmento que segue: “[...] alguns tocavam pandeiros e dançavam galhofa, um ritmo dos portugueses” (DEL PRIORE, 2013, p. 32-33), “[...] Se viam uma índia nua, corriam para vesti-la com a ‘tipoiá’, um saco de algodão com aberturas para a cabeça e os braços” (DEL PRIORE, 2013, p. 43).

Outras palavras nos chamam a atenção pela proximidade do léxico com expressões contemporâneas, como: “Pipocavam informações” (DEL PRIORE, 2013, p. 71), e “Outras formas de entorpecentes também eram usadas” (DEL PRIORE, 2013, p. 82). Essas inserções são estratégias de interferência e aproximação do narrador com seu leitor, as quais servem como dicas para auxiliar no seu processo de leitura, inclusive, de leitores ainda em formação.

Outro recurso escritural é o emprego das estratégias escriturais bakhtinianas, como a heteroglossia, a presença de múltiplas vozes no discurso do relato, como podemos constatar no trecho a seguir: “No fundo, ia-se travar uma ‘guerra santa’” (DEL PRIORE, 2013, p. 91), em que verificamos a presença do discurso religioso, como também com a utilização de expressões pertencentes ao vocabulário e o modo de falar dos autóctones “O xamã trouxe o vasilhame de cauim para fora da maloca para que os ancestrais pudessem beber também” (DEL PRIORE, 2013, p. 82).

A utilização de um léxico variado é uma característica presente nas produções latino-americanas contemporâneas que, como reação ao culto de

unidade e pureza⁹ e ao discurso monológico do colonizador europeu, seguem outra característica “marcada por heterogeneidades, polifonias e cruzamentos onde a recuperação identitária estaria mais aberta à recuperação de traços, vestígios, fragmentos e de vozes até então inaudíveis, do que ao registro das vozes legitimadas e oficiais” (BERND, 1998, p. 27).

Como outra possibilidade de aproximação do relato juvenil com o romance histórico contemporâneo de mediação, observamos a presença de recursos metaficcionais em algumas partes do texto, com inserções de questionamentos entre narrador e narratário, buscando problematizar o próprio texto, como, por exemplo: “a curiosidade aumentava. Quem seria? Não estaria trazendo má sorte ao barco?” (DEL PRIORE, 2013, p. 31); “O que fazer?” (DEL PRIORE, 2013, p. 69). “Quanta gente havia? Mais de cem contando os degredados. Degredados? Quem eram?” (DEL PRIORE, 2013, p. 23).

Diante das indagações enunciadas pelo narrador ao narratário, podemos observar um processo de aproximação de ambos, os quais estabelecem uma interação verbal através do texto. Com isso, vale lembrar que

[...] a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN; VOLICHÍNOV, 2014, p. 127).

Como os autores bem destacam, a língua não é um sistema isolado, mas algo dependente de um locutor e de um interlocutor para promover seu uso e sua efetivação, que ocorre por meio de enunciações e de reações a elas.

Assim, compreendemos que a interação verbal promovida pelo narrador, na obra de Del Priore (2013), permite que o leitor possa fazer inferências, levantar hipóteses e refletir sobre as possibilidades de ressignificar o passado por meio

⁹ A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de **unidade e de pureza**: estes dois conceitos perdem o contorno exato de seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma, se mostra mais e mais eficaz. (SANTIAGO, 2000, p. 16, grifos nossos)

de seu conhecimento de mundo. Ao ter contato com essa obra, o leitor em formação não só expandirá seus horizontes de expectativas – que, conforme Jauss (1979), é o saber prévio que o leitor tem sobre determinado texto –, mas, também, será desafiado a ressignificar o passado a partir das prerrogativas do relato da ficção.

Considerações finais

A leitura empreendida acima, da obra híbrida de história e ficção infantojuvenil, possibilitou-nos compreendê-la enquanto relato que se aproxima muito dos pressupostos teóricos da modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação. Pela análise proposta, nota-se que ela possui as características dessa modalidade descrita por Fleck (2017), conforme estabelecido na introdução deste texto.

O texto de Del Priore faz uma ressignificação crítica do passado, pois apresenta novos olhares em relação ao contexto histórico de “descobrimento” e colonização do Brasil, ecoando vozes antes silenciadas, apagadas e/ou marginalizadas na narrativa oficial. Isso é bastante evidente quando a autora propõe uma narrativa na qual as personagens principais são dois adolescentes (os “meninos-língua”), colocados como figuras centrais, protagonistas das ações que integram o relato.

Ainda, na obra, a autora apresenta outra personagem de cunho historiográfico, Isabel, uma das “órfãs da Rainha”¹⁰ que, pela narrativa oficial, ecoada pelo colonizador, compõe o grupo de “[...] filhas, netas, irmãs e sobrinhas de homens que tivessem morrido a serviço da coroa. Eram escolhidas no Reino e não só recompensadas com dotes no além-mar, como

¹⁰ São conhecidas como “órfãs da rainha” na historiografia, jovens portuguesas órfãs de pais que se dedicaram à coroa nos empreendimentos monárquicos e que eram enviadas às colônias para, nelas, constituírem famílias cristãs e gerarem os descendentes brancos, herdeiros das posses dos colonizadores em terras além-mar. Para maiores informações sobre esses tópicos, recomendamos a leitura dos artigos: “Mulheres na colonização brasileira: releituras ficcionais por um prisma feminino – a criticidade do romance histórico contemporâneo de mediação” (UBER; OLIVEIRA, 2020); “Construção da memória coletiva pela literatura: mulheres na América.” (UBER; DEL POZO GONZÁLEZ; RODHE, 2020); “As ‘órfãs da rainha’ em *Desmundo* (1996): do discurso histórico para o ficcional.” (UBER; FLECK, 2019).

também de atribuição de postos de menor importância na burocracia do império aos seus futuros maridos [...]” (ALMEIDA, 2003, p. 157).

Na história de Del Priore (2013), a personagem Isabel é uma jovem destemida e corajosa, e que participa ativamente da ação, principalmente na segunda metade da obra. Ao apresentar essa personagem, a autora problematiza o estigma da passividade da mulher do século XVI e a coloca em posição de igualdade com os homens, aproximando o relato das lutas pela igualdade de gênero na contemporaneidade.

Por ser tratar de uma obra infantojuvenil, observamos que o enredo atrai a atenção desse público por conter outros adolescentes como protagonistas. Com isso, o leitor em formação pode extrapolar o real e viver as aventuras dessas três personagens (Pedro, Paulo e Isabel); e, ao mesmo tempo, olhar para o passado ficcional e promover uma reflexão mais crítica sobre os eventos primordiais da colonização e da conquista do território brasileiro pelos europeus, ou seja, aquele passado que foi registrado em documentos oficiais pelo conquistador.

Por fim, verificamos que os recursos escriturais, como a verossimilhança, a linearidade com os eventos históricos, a linguagem amena e adequada ao leitor infantojuvenil, o foco narrativo sobre as personagens periféricas, as estratégias escriturais bakhtinianas (como a heteroglossia), as intertextualidades e a presença de recursos metaficcionais, possibilitam a aproximação do narrador com o narratário, da ficção com a história. Com isso, apresenta ao leitor uma nova percepção sobre a história, fazendo-o refletir e questionar sobre outras possibilidades e ressignificações daquilo que se tem oficializado como única verdade em relação ao passado colonial brasileiro. Nesse sentido, constatamos que a Literatura pode contribuir, de modo significativo, para descolonizar olhares, em especial, do leitor-literário em processo formativo.

Referências

ALMEIDA, S. C. C. *O sexo devoto: normatização e resistência feminina no Império Português – XVI –* ISSN 2179-0027 Interfaces Vol. 9 n. 1 (março 2018) 85 XVIII. 2003. 322 f. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNO, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16.ed. Hucitec. São Paulo: Hucitec, ([1929] 2014).

BERND, Z. Apresentação. In: BERN, Z. (1998). *Escrituras Híbridas: estudos em Literatura Comparada Interamericana* (Org). Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 1998.

FLECK, G. F. *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção*. Curitiba: CRV, 2017.

FLECK, G. F.; OLIVEIRA, M. da S.; CERDEIRA, P. de L. *Imagens da América: representações, expressões e resistências*. Curitiba: CRV, 2020.

JAUSS, H. R. *A estética da recepção: colocações gerais*. Tradução de Luiz Costa Lima. In: LIMA, L. C. *A Literatura e o Leitor: textos de estética da recepção*. Seleção, coordenação e prefácio de Luiz Costa Lima. Paz e Terra. Rio de Janeiro, ([1979] 2002).

PRIORE, M. Del. *A descoberta do novo mundo*. Planeta. São Paulo: Planeta, 2013.

SANTIAGO, S. *Uma literatura nos trópicos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

UBER, B.; OLIVEIRA, P. *Mulheres na colonização brasileira: releituras ficcionais por um prisma feminino – a criticidade do romance histórico contemporâneo de mediação em Revista Entre Letras* (Online). Araguaína, Brasil. v.11, 374-399, 2020.

UBER, B.; DEL POZO GONZÁLEZ, L. S.; ROHDE, M. L. *Construção da memória coletiva pela literatura: mulheres na América*. Revista Letras Raras. v.9, 68-93, 2020.

UBER, B.; FLECK, G. F. (2018). *As 'órfãs da rainha' em Desmundo: do discurso histórico para o ficcional*. Revista Interfaces. v. 9, 69-86, 1996.

SHARPE, J. A história vista de baixo. In: BURKE, P. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. 4.ed. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.